



SEÇÃO: FONOLOGIA E INTERFACES

O papel de fronteiras sintáticas e prosódicas na colocação de vírgulas em enquetes

The role of syntactic and prosodic boundaries in comma placement in surveys

Isabela Vendramini¹

orcid.org/0000-0001-7732-9216

isabela.vendramini@unesp.br

Luciani Tenani¹

orcid.org/0000-0002-8487-0825

luciani.tenani@unesp.br

Recebido em: 13 jan. 2022.

Aprovado em: 14 jul. 2022.

Publicado em: 20 dez. 2022.

Resumo: Esta pesquisa trata de presenças e ausências de vírgulas em esquema duplo em textos do gênero enquete, escritos por alunos do último ano do Ensino Fundamental em uma escola pública paulista. As vírgulas em esquema duplo se caracterizam por serem empregadas nas fronteiras direita e esquerda de uma estrutura que seja sintaticamente encaixada ou deslocada em relação à ordem SVO. Foram feitos o levantamento de presenças e ausências de vírgulas em fronteiras sintáticas e a identificação de fronteiras prosódicas a partir de algoritmos de formação de constituintes. Duas questões guiaram o estudo: a) quando há vírgula, que fronteiras sintática e prosódica podem ser identificadas?; b) quando não há vírgula, que fronteiras sintáticas e prosódicas podem ser identificadas? Constatamos a tendência de a presença (convencional) das vírgulas ser favorecida pela coincidência entre fronteiras sintática e prosódica de sintagma entoacional (IP), especialmente quando presente a função semântico-enunciativa da vírgula, e a ausência (não convencional) de vírgulas ser motivada pela não coincidência entre fronteiras sintática e prosódica. Esses resultados são semelhantes aos descritos em pesquisas que analisaram vírgulas em textos dos gêneros argumentativo e relato, porém foi menor a porcentagem das vírgulas convencionais nos textos de enquete analisados.

Palavras-chave: vírgula; fonologia; sintaxe; Língua portuguesa; ensino fundamental II.

Abstract: This research discusses comma presence and absence in double schema in survey texts, written by students in the last year of Junior High School in a public school in the state of São Paulo. Commas in double schema are characterized by their occurrence on the right and left boundaries of a structure that is syntactically embedded or displaced in regard to the SVO order. The presence and absence of commas in syntactic boundaries were mapped and the prosodic boundaries were identified based on domain formation algorithms. Two questions guided the study: a) when there is a comma, which syntactic and prosodic boundaries can be identified?; b) when there is no comma, what syntactic and prosodic boundaries can be identified? We found that the (conventional) presence of commas tends to be favored by the coincidence between syntactic and intonational phrase (IP) boundaries, especially when the semantic-enunciative function of the comma is detected, and the (unconventional) absence of commas to be motivated by the non-coincidence between syntactic and prosodic boundaries. These results are similar to those described in studies which analyzed commas in texts of argumentative and report genres, but the percentage of conventional commas in the survey texts was lower than the ones from argumentative and report genres.

Keywords: comma; phonology; syntax; Portuguese; Junior High School.



¹ Universidade Estadual Paulista (Unesp), São José do Rio Preto, SP, Brasil.

Introdução

O objetivo central deste trabalho é investigar presenças e ausências de vírgulas em esquema duplo em textos do gênero enquete, escritos por alunos do último ano do Ensino Fundamental II (EF II), de uma escola pública no interior paulista. As vírgulas em esquema duplo se caracterizam, segundo Dahlet (2006), pela necessidade de vírgulas nas fronteiras direita e esquerda de estruturas sintaticamente encaixadas, como em (1), ou deslocadas, como em (2), em relação à sentença principal (que seguem sublinhadas nos exemplos abaixo). A identificação de cada um desses contextos sintáticos, ou seja, estruturas encaixada ou deslocada em relação à ordem sintática SVO (sujeito-verbo-objeto), é feita a partir de consulta de gramáticas de referência, como Bechara (1999) e Cunha e Cintra (2017). Essa decisão metodológica foi tomada em razão da circulação dessas obras junto à comunidade escolar onde foi feita a coleta dos textos a serem analisados e, principalmente, por esta pesquisa almejar dialogar com essa comunidade e, desse modo, efetivamente contribuir com a formação e a atuação de professores de língua portuguesa interessados em ampliar o conhecimento linguístico que subjaz aos usos de vírgula atestados nos textos escolares, objeto de análise.

(1) O Ministério da Saúde, *como você sabe*, ainda não liberou vacinas contra COVID-19 em crianças.

(2) O Ministério da Saúde, *até o início de dezembro*, não havia liberado vacinas contra COVID-19 em crianças.

Em (1), "como você sabe" é uma oração encaixada à sentença matriz, podendo ser dela excluída sem haver prejuízo ao conteúdo semântico do enunciado: "o Ministério da Saúde ainda não liberou as vacinas contra covid19 em crianças"; em (2), "até o início de dezembro", é um adjunto adverbial deslocado à esquerda em relação à sua posição sintática na sentença matriz: "O Ministé-

rio da Saúde não havia liberado vacinas contra COVID-19 em crianças". Diferentemente desses exemplos didáticos, é difícil de detectar, nos textos do EF II, produzidos em ambiente escolar, quando adjuntos adverbiais estão em posição deslocada, e – conseqüentemente – quando vírgulas devem ser empregadas. Essa dificuldade se justifica na complexidade sintático-semântica de advérbios que podem ocupar diferentes posições na sentença a depender da função semântico-pragmática que desempenham, como trataremos na seção em que descreveremos o material e as decisões metodológicas adotadas no transcorrer da pesquisa.

O interesse em tomar como objeto de investigação as presenças (convencionais ou não convencionais) e ausências (não convencionais) de vírgulas em esquema duplo está pautado na hipótese geral de que essas presenças e ausências de vírgulas são, em alguma medida, motivadas no fraseamento prosódico dos enunciados, o qual é definido pela configuração do enunciado em frase (ou sintagma) entoacional, doravante IP². De maneira mais específica, a configuração do enunciado em IP pode ser prevista por meio dos algoritmos de formação e reestruturação, conforme definem Nespor e Vogel (1986, 2007), os quais são embasados em informações de constituintes sintáticos, mas a esses não são isomórficos, podendo ser reestruturados em razão de restrições sintáticas e semânticas, como a colocação dos advérbios (sobre a qual detalharemos na próxima seção). Em enunciados falados, são descritos pausas e tons de fronteira como evidências dos limites de IP (TENANI, 2002; SERRA, 2009). Neste artigo, ancorados em Soncin e Tenani (2015), assumimos a premissa de que os enunciados escritos, igualmente aos falados, estão sujeitos à configuração em IPs, mas, dada a natureza gráfica desses enunciados, as pistas dessa configuração são detectadas nas presenças e ausências de vírgulas. Os fundamentos teóricos dessa proposta serão dados na próxima seção.

² Na literatura, o constituinte "intonational phrase" é traduzido por "frase fonológica" (predominante em textos publicados no Brasil) e "sintagma entoacional" (predominante em textos publicados em Portugal). Acrescenta-se que a representação desse constituinte também varia: "IP" é a indicação originalmente adotada por Selkirk (1984) e "I" por Nespor e Vogel (1986). Atualmente, predomina o uso de "IP" para "sintagma entoacional".

A fim de alcançar nosso objetivo central, a pesquisa foi conduzida nas seguintes etapas: a) descrição das estruturas em que são previstos usos de vírgulas em esquema duplo, segundo regras gramaticais em amostra selecionada para pesquisa; b) classificação e quantificação de presenças e ausências de vírgulas, em função da tipologia que combina presenças e/ou ausências de vírgulas nas duas fronteiras sintáticas; c) identificação dos domínios prosódicos e fatores fonológicos relevantes para caracterizar as fronteiras prosódicas; d) descrição de tendências de presença e ausências de vírgulas, em contexto de esquema duplo, e possíveis relações com estruturas prosódicas dos enunciados. Essas etapas serão mais bem caracterizadas na seção "Material e métodos".

Na seção seguinte, "Descrição e análise de dados", descreveremos os dados identificados na amostra de textos do EF II visando responder a duas questões: a) quando há vírgulas, que fronteiras sintática e prosódica podem ser identificadas? b) quando não há vírgulas, que fronteiras sintáticas e prosódicas podem ser identificadas? Argumentaremos que a coincidência entre determinadas fronteiras sintáticas e prosódicas favorece a presença convencional das vírgulas e, por outro lado, a ausência de vírgula seria motivada, em parte, pela possível ausência de características de fronteira prosódica, dada a possibilidade de configuração dos enunciados em IPs maiores do que os constituintes sintáticos, como argumentam Soncin e Tenani (2015) a partir da análise de textos do gênero argumentativo.

1 Fundamentação teórica

Para tratar da vírgula enquanto objeto de investigação, retomamos o estudo de Rocha (1997), que faz uma análise da história da pontuação na antiguidade, época em que os textos eram predominantemente escritos para serem recitados. Nesse contexto, a vírgula era utilizada para marcar características como a pausa da respiração. A autora conclui que a vírgula era utilizada como forma de demarcar na escrita características da oralidade. Tendo em vista que o senso comum

sobre o uso da vírgula é, muitas vezes, associado à pausa, observamos uma relação entre essa noção contemporânea e a história de uso da vírgula. De outra parte, o ensino da vírgula é fortemente pautado pelas gramáticas normativas, que preveem a utilização da vírgula a partir de um conjunto de regras de base sintática predominantemente. A ausência da vírgula ou a presença da vírgula que seja motivada na pausa da fala configura "erros" para a gramática normativa. Identificamos que esse é um cenário conflituoso quanto às orientações para os usos de vírgulas: afinal, vírgula representa pausa da fala na escrita?

Ainda de uma perspectiva histórica da pontuação, Rocha (1997) observa que os povos da época clássica faziam uso de uma série de sinais com a função de separar grupos de palavras. Os usos desses "sinais de pontuação" não eram caracterizados por uma regularidade, sistematização e convencionalidade entre forma e função, até que, a partir da Idade Média, surgem duas orientações para a pontuação, que se aproximam das noções de pontuação utilizadas hoje em dia: a orientação lógico-gramatical e a orientação do ritmo respiratório; ou seja, a pontuação com função semântica predominantemente em contraste com a pontuação com uma função prosódica principalmente. Nessas duas orientações, situamos o cenário conflituoso antes descrito e, a seguir, apontamos motivos que levam à questão anteriormente formulada.

Uma chave importante para compreender os usos da vírgula, em particular, e da pontuação, em geral, está na caracterização da relação entre fala e escrita. Segundo Nunberg (1991), do ponto de vista linguístico, a escrita foi por muito tempo considerada como um modo de expressão alternativo à fala. Essa abordagem que vê a escrita atrelada à linguagem oral dá lugar a outra abordagem que considera a escrita e a fala como sistemas linguísticos distintos, como defende Chafe (1987). Vale ressaltar que essa distinção não é total e perfeita, como considera Simone (1991), que afirma que o sistema gráfico da língua é um sistema semiótico autônomo, dotado de uma gramática própria. A essa caracterização,

Halliday (1989) já havia notado que, apesar de a escrita não representar todas as características prosódicas da linguagem oral, a pontuação atua de modo a compensar, em parte, essa limitação.

Uma terceira abordagem é a que adotamos nesta pesquisa. Baseamo-nos em uma perspectiva que critica essas visões e, alternativamente, assume a concepção de que o fato linguístico falado e o escrito estão entrelaçados de modo constitutivo a práticas sociais orais e letradas, não havendo sistemas linguísticos paralelos que teriam algum grau de relação ou, ainda, algum tipo de interferência da fala na escrita. Essa é a abordagem defendida por Soncin e Tenani (2015) e Tenani e Paiva (2020) com base em Corrêa (2004). Para essas autoras, está em jogo como se dá a relação entre fala e escrita que a pontuação permite, em certa medida, capturar.

De modo mais explícito, adotamos, nesta pesquisa, a concepção de fala e escrita como modos de enunciação que só acontecem por meio de práticas sociais, como propõe Corrêa (2004). Nessa perspectiva, a materialidade fônica que constitui a fala e a materialidade gráfica que constitui a escrita não é chave de análise das relações entre fala e escrita, mas, alternativamente, a chave é considerar o modo de enunciação falado e práticas orais associadas e, simultaneamente, o modo de enunciação escrito e práticas letradas associadas. O autor defende que o modo de enunciação escrito traz em sua constituição o modo de enunciação falado, ao considerar que o sistema de escrita alfabética (e também a pontuação) é da ordem do gráfico, que é constituída de características da fala, por exemplo: a letra "b" representa um fonema oclusivo bilabial vozeado [b]. A escrita é um modo de enunciação de constituição heterogênea, nessa abordagem.

É importante para esta pesquisa trazer à tona a abordagem de Corrêa (1997) sobre a escrita em ambiente escolar, considerada a natureza do material investigado. Para o autor, a escrita produzida na escola deve ser considerada como processo e não como produto, tendo em vista que o foco deve estar no processo pelo qual o escrevente,

isto é, aquele que escreve, vai se constituindo como sujeito da linguagem. Nessa abordagem, o escrevente está inserido em práticas sociais orais/faladas e em práticas sociais letradas/escritas, as quais constituem esse sujeito no que diz respeito a aspectos históricos, culturais, ideológicos e institucionais. Ancorados nessa perspectiva teórica, assumimos que o material de investigação é textos produzidos em ambiente escolar, que apresentam características desse processo que pode ser definido como trânsito do sujeito escrevente pelo campo em que se encontram as práticas sociais orais/faladas e pelo campo das práticas letradas/escritas. Portanto, cada texto não é analisado tão somente como produto de uma atividade de produção escrita que apresenta inferências da fala. As marcas de oralidade passíveis de serem identificadas nos textos escolares (como em certos usos da vírgula) são, nessa abordagem, resultados do trânsito dos sujeitos entre as diversas práticas sociais, e dão mostras da heterogeneidade da escrita, ou seja, a heterogeneidade que é característica da escrita e não a heterogeneidade que ocorre no interior da escrita.

Ainda no que se refere aos usos da vírgula, cabe trazer a perspectiva enunciativa de Esvael e Paula (2014), elaborada a partir da consideração de textos narrativos. As autoras afirmam que, mesmo localizada na superfície do enunciado, a vírgula faz com que haja possibilidade de construção de sentidos na profundidade textual, o que é resultado da dialogia do sujeito com a sua escrita, considerando-se o exterior ideológico e social do sujeito. A função da vírgula de estabelecer relações hierárquicas entre os acontecimentos da narrativa evidencia, para as autoras, a função enunciativa da vírgula, pois, ao propor ligação entre o já enunciado e o que se enuncia em seguida, o sujeito se marca no enunciado. Assim, Esvael e Paula (2014) concluem que, do ponto de vista semântico- enunciativo, a vírgula funciona como um recurso por meio do qual o escrevente assinala no seu enunciado aquilo que quer destacar, dar ênfase, suscitando um determinado sentido para ele.

Sobre os funcionamentos da vírgula, é importante trazer à baila as considerações de Dahlet (2006), para quem a vírgula é o sinal de pontuação mais complexo de todos por três razões: a) funciona tanto no esquema simples quanto no esquema duplo; b) é o único sinal capaz de atuar simultaneamente em duas amplitudes: intercláusula e intracláusula; c) é o sinal sintático mais construtor da sintaxe, o mais apto para fornecer, carregar e distribuir as categorias funcionais tanto na sucessão quanto na hierarquização. Segundo a autora, a vírgula pode ser considerada responsável por uma hierarquização entre enunciados, pois, quando usada em esquema duplo, suspende um ou vários elementos em razão do não fechamento de sentido. Os casos com sinal relacional de hierarquização podem ser: a) quando estão no contexto linguístico estruturas de anteposição (vocativo, sintagmas nominais ou preposicionais, grupos adjetivais e orações subordinadas); b) quando estão presentes estruturas desligadas (aposto, conectivo, oração adjetiva explicativa, retomadas de modos diversos).

Essa complexidade da natureza da vírgula é detectada por Soncin (2008), em textos argumentativos do EF II, e por Carvalho (2019), em textos do gênero relato. Neste artigo, consideraremos textos do gênero enquete para investigar, por meio da vírgula, relações entre fala e escrita e tendo em consideração a complexidade desse sinal de pontuação. A consideração do gênero textual é crucial nesse tipo de investigação, pois, segundo Marcuschi (2000, p. 37), as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual. Para o autor,

O continuum dos gêneros textuais distingue e correlaciona os textos de cada modalidade (fala e escrita) quanto às estratégias de formulação que determinam o *continuum das características* que produzem as variações das estruturas textuais-discursivas, seleções lexicais, estilo, grau de formalidade etc, que se dão num *continuum de variações*, surgindo daí semelhanças e diferenças ao longo de *continuos sobrepostos* (MARCUSCHI, 2000, p. 42, grifo do autor).

Nesta investigação, a vírgula é um sinal gráfico que, dada sua constituição histórica e seu funcionamento contemporâneo (como anteriormente descrito), estabelece relação com características da fala, e, neste artigo, as potenciais relações entre fala e escrita que os usos desse sinal podem indiciar serão detectadas tendo em consideração o gênero textual enquete, cuja descrição será feita na próxima seção.

Por fim, a identificação de fronteiras prosódicas que possam ter relação com a vírgula é fundamentada no arcabouço teórico da Fonológica da Prosódia, segundo o modelo inicialmente formulado por Nespor e Vogel (1986), por proporem que há uma organização prosódica em constituintes, os quais podem ser previstos a partir de princípios gerais da gramática fonológica e de algoritmos de formação específicos de cada constituinte. O constituinte IP é o mais relevante para a descrição da colocação das vírgulas, segundo argumentam Soncin e Tenani (2015) e Tenani e Paiva (2020). Neste artigo, o domínio de IP é identificado com base nos algoritmos de formação e de reestruturação de IP – apresentados a seguir (nossa tradução) – que foram adaptados por Frota (2000, p. 57),³ com base em Nespor e Vogel (1986), para o Português. Cada IP é formado por sintagmas fonológicos (PPh), que correspondem a sintagmas nominal, verbal ou adverbial, por exemplo.⁴

(3) Algoritmo de formação e reestruturação de Frase Entoacional (IP):

Domínio IP: (i) todas as PPhs em uma cadeia que não estão estruturalmente ligadas à sentença raiz (ou seja, expressão entre parênteses, tag questions, vocativos, etc); (ii) qualquer sequência restante das PPhs adjacentes numa sentença raiz; (iii) o domínio de um contorno entoacional, cujos limites coincidem com posições em que as pausas relacionadas com a gramática podem ser introduzidas em um enunciado.

Reestruturação de IP: (i) reestruturação de um IP em dois outros menores, ou (ii) reestruturação de IPs básicos em um IP maior. Os fatores que desempenham papel na reestruturação de IP: comprimento dos constituintes, taxa de

³ Frota (2000) utiliza "I" para frase entoacional e " " para sintagma fonológico. Neste artigo, seguimos a notação mais frequentemente usada na literatura atualmente, a saber: "IP" para frase entoacional e "PPh" para sintagma fonológico.

⁴ Para mais informação da constituição do sintagma fonológico em português brasileiro, indicamos Sândalo e Truckenbrodt (2003).

elocução e estilo interagem com restrições sintáticas e semânticas.

O algoritmo de formação de IP, em (3), estabelece como informações de natureza sintática estão relacionadas à configuração de um constituinte de natureza fonológica; já o algoritmo de reestruturação estabelece critérios de performance que, observadas restrições de natureza sintática e semântica, levam à configuração de IP maiores ou menores do que aquele IP previsto pelo seu algoritmo de formação. Dentre esses fatores que caracterizam a reestruturação do IP, é preciso sinalizar que será possível considerar aqueles passíveis de análise a partir do material escrito, como a extensão do constituinte (dado em número de sílabas), restrições sintáticas relativas à ramificação sintática e restrições semânticas relativas à focalização de parte da estrutura sintática. Neste estudo, tomamos por base as descrições sobre a constituição de IP realizadas a partir das variedades paulista e carioca do Português Brasileiro (TENANI, 2002; FERNANDES, 2007; SERRA, 2016).

Dada a contextualização que fizemos acerca da complexidade da vírgula e suas funções, considerada a história da pontuação, das relações entre fala e escrita que a vírgula pode mobilizar, explicitadas as abordagens teóricas sobre escrita e sobre a fonologia prosódica, partimos para a seção em que serão descritos aspectos metodológicos utilizados para a realização do trabalho.

2 Material e método

O material utilizado nesta pesquisa foi extraído do Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II.⁵ A seleção dos textos foi feita com base em Carvalho (2019), que, após investigar usos não convencionais da vírgula em textos do gênero relato produzidos em todos os anos do EF II, oriundos do mesmo banco, observou que vírgulas em esquema duplo ocorrem principalmente no último ano do EF II, quando essa estrutura também emerge em maior número nos textos que analisou. Esse resultado guiou a seleção, da mesma amostra longitudinal do banco, de um conjunto de 111 textos, desenvolvidos sobre o tema "Perfil em redes sociais", a partir de uma proposta que solicitava o gênero textual *enquete*, de tipologia *descrição*. A proposta foi desenvolvida no âmbito de um projeto de extensão universitária da Unesp a convite da direção de uma escola estadual paulista entre 2008 e 2011.⁶ Os gêneros textuais foram abordados pelas professoras de língua portuguesa da escola parceira e a proposta de produção textual foi elaborada pela equipe da universidade com as professoras da escola. Nesse contexto do projeto de extensão, o gênero enquete foi definido como um conjunto de perguntas objetivas que visam obter opinião de um público leitor. A proposta de produção textual encontra-se na Figura 1.

Figura 1 – Proposta de produção de enquete

Enquetes: quem nunca respondeu uma? Perfil no *Orkut*, no *Facebook*: quem nunca fez o seu e/ou leu o de alguém? Mas... O que motiva um adolescente a responder uma enquete ou a divulgar seu perfil? E o que faz com que alguém lance uma pergunta desafiadora ou passe uma tarde vasculhando a página dos outros? A CURIOSIDADE... Sempre ela... Queremos e precisamos conhecer outras pessoas. Então, nada como fazer e responder questões. Afinal, **quem é você?** Faça o seu perfil como se estivesse iniciando sua página no *Facebook*. Para tanto, elabore seu texto considerando questões como: 1) Qual o seu nome? 2) Quantos anos tem? 3) Onde mora? 4) Com quem você mora? 5) O que costuma conversar com seus pais? 6) E com seus amigos? 7) O que faz você feliz? 8) O que faz você triste? 9) O que você acha do namoro na adolescência? 10) Qual é o estilo? 11) Que profissão você quer exercer? 12) Qual a importância da escola em sua vida? 13) Qual seria a melhor definição sobre você? Etc. etc.

Fonte: Tenani (2015).

Essa proposta de produção textual elaborada em forma de questões objetivas visou favorecer

⁵ Disponível em: <https://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>. Acesso em: 23 jul. 2021.

⁶ Para uma caracterização do projeto de extensão ver Tenani e Longhin (2014).

o trabalho com o gênero enquete em ambiente escolar. Para esta pesquisa, reiteramos que o gênero dos textos a serem analisados é característica relevante, pois, segundo perspectiva de Corrêa (2004), contribui para o modo como o escrevente produz seu texto, e, para nós, interessa verificar se há certas fronteiras prosódicas que favorecem e outras que desfavorecem os usos das vírgulas nesse gênero.

No que cerne aos embasamentos metodológicos utilizados para a classificação sintática dos enunciados, visto que há muitas divergências entre normas de usos da vírgula entre gramáticos, utilizamos a gramática de Bechara (1999). Essa escolha foi motivada por resultados de pesquisa anterior de Soncin (2008), a qual concluiu que essa gramática contempla critérios diversos, além de sintáticos, de natureza fonológica, como a extensão do enunciado, e de natureza semântica, como relações de sentido entre porções do texto, noções importantes para a análise das presenças e ausências da vírgula. Dessa forma, o leque de possibilidades de critérios para análise da vírgula aumenta, contribuindo para uma ampliação da seleção de dados a partir do material investigado.

Acerca de nossas decisões metodológicas para identificar os dados, quinze dos 111 textos inicialmente selecionados não foram considerados para a pesquisa, pois, ou não continham estruturas para emprego de vírgulas em esquema duplo, ou não foram escritos em forma de texto, mas em forma de tópicos e, desse modo, não foram utilizadas vírgulas. Portanto, o material desta pesquisa é composto de 96 textos, por conterem estruturas-alvo para análise.

No levantamento de dados, uma dificuldade foi definir o funcionamento sintático- semântico de alguns advérbios: estariam ou não deslocados sintaticamente? Fez-se necessário investigar sobre a natureza dos advérbios. Ferreira (2011) e Ilari (2007) nortearam a seleção dos dados em que estavam em jogo advérbios com características particulares. Com base em Ferreira (2011), foi

definido o funcionamento do advérbio "sempre", o qual se situa em posição pós-verbal em seu padrão de comportamento sintático. Essa caracterização permitiu concluir que deveria haver vírgulas antes e após "sempre" em ocorrências como: "mas *sempre* a minha tristeza é por garotos" (Z11_8C_21F_02).⁷ Desse modo, este exemplo foi considerado um dado de ausências de vírgulas. Ainda com base em Ferreira (2011), foram excluídos dados como: "eu ainda não tenho um estilo definido." (Z11_8E_16M_02), pois o advérbio "ainda" tem como escopo toda a oração em que ocorre e, por isso, não deve estar entre vírgulas.

O artigo de Ilari (2007), por sua vez, trata da posição canônica de vários advérbios, o que contribui para a confirmação do deslocamento sintático dos advérbios, ou seja, se o advérbio se encontra sintaticamente deslocado (e, portanto, deve estar entre vírgulas) ou não (quando não deve estar entre vírgulas). À luz das considerações de Ilari (2007), a ocorrência de "realmente" em: "Outra coisa que eu *realmente* detesto é quem detesta Skate" (Z11_8E_03M_02), foi classificada como um tipo de advérbio sentencial quase-modal, cuja posição predominante é entre o tópico e o sujeito gramatical, já que tem como escopo a oração toda. Sendo assim, o advérbio "realmente" está em sua posição canônica e, portanto, não se configura como um dado para classificação de uso de vírgulas.

Também "apenas" foi um dos advérbios cujo funcionamento sintático-semântico necessitou de especial atenção. Foi preciso recorrer à concepção de topicalização descrita por Hengeveld e Mackenzie (2008), os quais definem que o tópico se relaciona ao estabelecimento de um esquema espacial, temporal ou individual dentro do qual a predicação principal se mantém e é limitada a aplicabilidade a certo domínio restrito, como a função pragmática atribuída a um constituinte para assinalar a maneira que um conteúdo comunicado se relaciona ao registro construído gradualmente no componente contextual, fornecendo

⁷ No banco, os textos são identificados pela seguinte notação: escola e ano letivo; série e turma; número e sexo do aluno; número da proposta. Desse modo, temos em "Z11_8C_21F_02" as seguintes informações: letra "Z" para escola e "11" para ano letivo; "8" para 8ª série e "C" para turma; "21" para número do aluno e "F" para sexo feminino; "02" para proposta de número 2 do banco.

um tipo específico de orientação para o estoque de informação nova a ser apresentada. Com base nessas noções sobre tópico, foi analisado o enunciado "Gostaria apenas de encontrar alguém que me faça feliz" (Z11_8C_09F_02) e foi identificado que o advérbio "apenas" nesse contexto exerce função de tópico e não necessariamente deveria ser delimitado por vírgulas e, desse modo, não foi considerado dado para a pesquisa.

Por meio da exemplificação de decisões metodológicas, explicitamos que reconhecer o funcionamento de advérbios foi fundamental para a identificação de dados, pois, o uso do sinal vírgula é afetado pelas diferentes funções sintático-semânticas dos advérbios, que foram definidas a partir de dados de fala nas pesquisas de Ferreira (2011) e Ilari (2007). Considerar as características dos advérbios em dados de fala, descritas na literatura específica, favorece estabelecer relação das presenças ou ausências da vírgula com características dos enunciados falados.

Depois de identificar os dados e classificá-los sintaticamente, fizemos a quantificação das fronteiras prosódicas de modo a estabelecer relação entre fronteira sintática, fronteira prosódica e usos de vírgulas. A hipótese é que a presença de vírgulas seja motivada na coincidência entre as fronteiras das estruturas sintáticas encaixadas ou deslocadas e as fronteiras de IP por essa fronteira delimitar, na fala, fronteiras dos enunciados falados, caracterizadas por pausa e tom de fronteira (TENANI, 2002; SERRA, 2006). Lembramos que a pausa é uma característica prosódica historicamente associada à vírgula na escrita, como visto anteriormente.

Quanto à análise dos enunciados em constituintes de IP, houve dificuldades em razão de não haver pistas fonéticas como pausa ou tom de fronteira em que se embasar, uma vez que são textos escritos somente. O reconhecimento de fronteiras de IP foi feito a partir da aplicação dos algoritmos de formação e reestruturação. Consi-

deremos "se for bem" no enunciado a seguir: "[...] ela é fundamental, *se for bem*, você tem chance de arrumar um bom emprego [...]". Analisamos "se for bem" como uma oração formada pela conjunção "se", pela forma verbal "for" (do verbo "ser") e o advérbio "bem". Com base no algoritmo de formação de IP, "se for bem" foi identificada como um IP, pois é uma oração independente em relação à sentença raiz (cf. o algoritmo em (3) na seção anterior).

Após a descrição das decisões sobre a identificação da função de advérbios, tomadas com base em literatura específica, e, conseqüentemente, no estabelecimento da necessidade de uso de vírgulas, seguimos para a análise dos dados, na próxima seção, em que apresentaremos os resultados alcançados.

3 Descrição e análise de dados

Inicialmente, exporemos os resultados relacionados ao número total de dados encontrados e as respectivas porcentagens. A quantificação foi feita com uma classificação dos dados a partir de quatro combinações possíveis de usos da vírgula: ausência-ausência (A-A); ausência-presença (A-P), presença-ausência (P-A) e presença-presença (P-P). Ademais, esses usos foram classificados como convencionais ou não convencionais, dependendo das adequações às regras da gramática normativa de referência. Desse modo, esta pesquisa busca dialogar com a comunidade escolar e contribuir com a atuação de seu corpo docente. Identificamos um total de 188 dados que envolvem estruturas em que são previstos usos de vírgulas em esquema duplo. Na Tabela 1, são apresentados os totais e as porcentagens dos tipos de combinações e a classificação dos dados.

Tabela 1 – Tipos e classificação de dados

Combinações possíveis	Classificação dos usos	Nº	%
A-A	Não convencional	142	75,5
A-P	Não convencional	21	11,2
P-A	Não convencional	12	6,4
P-P	Convencional	13	6,9
Total		188	100

Legenda: P-P: presença-presença de vírgulas; A-A: ausência-ausência de vírgulas; A-P: ausência-presença de vírgulas; P-A: presença-ausência de vírgulas.

Fonte: Elaboração própria (2021).

Quanto a cada combinação de presenças e ausências das vírgulas em esquema duplo, identificamos 142 dados que se caracterizam pela ausência das duas vírgulas, alcançando 75,5% do total. Em seguida, totalizam-se 17,6% dos dados na soma das estruturas em que apenas uma das vírgulas é colocada, ou a vírgula da fronteira esquerda ou a da fronteira direita, sendo que a porcentagem de casos de ausência-presença é de 11,2% e a porcentagem de casos de presença-ausência de vírgula é um pouco mais

da metade da combinação anterior, chegando a 6,4%. Por fim, com o segundo menor índice de ocorrência estão os dados convencionais, ou seja, em que as duas vírgulas são empregadas (presença-presença), com 6,9%.

Após a quantificação dos dados conforme as possibilidades de combinações, classificamos sintaticamente as estruturas deslocadas e encaixadas e quantificamos novamente de acordo com o número encontrado de cada estrutura, como apresentado na tabela a seguir.

Tabela 2 – Classificação sintática das estruturas e vírgulas

Estrutura Sintática	A-A	A-P	P-A	P-P	Nº	%
Adjunto Adverbial	87	10	5	5	107	56,9
Oração Subordinada	35	9	4	5	53	28,2
Complemento	12	0	0	0	12	6,4
Conjunção	5	0	1	0	6	3,2
Aposto	3	2	2	3	10	5,3
Total	142	21	12	13	188	100

Legenda: A-A: ausência-ausência de vírgulas; A-P: ausência-presença de vírgulas; P-A: presença-ausência de vírgulas; P-P: presença-presença de vírgulas.

Fonte: Elaboração própria (2021).

Conforme exposto na Tabela 2, a estrutura sintática mais recorrente é a de adjunto adverbial (locuções adverbiais e advérbios), resultando em 107 dados, o que corresponde a 57% do total. Dentre esse conjunto de ocorrências em que a função é de adjunto adverbial, 81,3% (87 dados) deles são casos em que ambas as vírgulas estão ausentes, ou seja, são casos de ausência-ausência de vírgulas, 14% (15 dados) são casos em que

apenas uma das vírgulas é colocada e 4,6% (5 dados) são os casos convencionais, em que ambas as vírgulas foram empregadas. A segunda estrutura sintática mais recorrente é a de oração subordinada, totalizando 28,2% (53 ocorrências). Dentre esse conjunto, identificamos a seguinte distribuição de dados: 66% (35 dados) em que não foram colocadas nenhuma das vírgulas, 24,5% (13 dados) em que apenas uma das vírgulas

foi colocada e 9,4% (5 dados) em que ambas as vírgulas foram colocadas, como previsto. Sobre a função de complemento nominal e verbal, outra estrutura identificada nos textos, todos os 12 dados encontrados (6,3%) são dados de ausência-ausência de vírgulas. Os dados que correspondem a conjunções totalizam 3,2%, sendo que, em cinco dos seis deles (83,3%), as vírgulas estão ausentes e em apenas um dos dados o uso foi convencional. Por fim, 10 dados configuraram-se sintaticamente como aposto, totalizando 5,3% do total, sendo três (30%) deles ocorrências de ausência-ausência de vírgulas, quatro (40%) deles em que apenas uma das vírgulas foi inserida e três (30%) deles em que as vírgulas foram empregadas convencionalmente.

Constatamos que, no geral, a maior parte dos dados (75,5%) apresenta ausência de vírgulas em ambas as fronteiras, porém, cabe observar que essa porcentagem varia (no conjunto dos dados encontrados), a depender das estruturas sintáticas em que as vírgulas em esquema duplo

são previstas. Observamos a seguinte ordem de ausências de vírgulas em função da estrutura sintática: 100% (12/12) dos complementos nominal e verbal > 83,3% (5/6) das conjunções > 81,3% (87/107) dos adjuntos adverbiais > 66% (35/53) das orações subordinadas > 30% (3/10) dos apostos. Nesse subconjunto de 142 estruturas sintáticas em que ambas as vírgulas estão ausentes, 61,2% (87/142) são dos adjuntos adverbiais, configurando-se esta estrutura a mais frequente em relação às demais em que ausências de vírgulas são observadas nos textos analisados.⁸ Desse conjunto de dados, apenas aposto é um tipo de estrutura encaixada e que, proporcionalmente, apresenta maior taxa de presença de ambas as vírgulas convencionalmente.

Partimos, então, para a análise prosódica dos dados. A partir da identificação de fronteiras prosódicas de IP, classificamos e quantificamos os dados em que as vírgulas eram previstas em fronteiras prosódicas de IP e os que estariam fora dessa fronteira. Veja Tabela 3.

Tabela 3 – Fronteira prosódica e vírgulas

Combinações possíveis	Fronteira de IP	Não fronteira de IP	Nº	%
A-A	74	68	142	75,5
A-P	20	1	21	11,2
P-A	9	3	12	6,3
P-P	11	2	13	7,0
Total	114	74	188	100

Legenda: P-P: presença-presença de vírgulas; A-A: ausência-ausência de vírgulas; A-P: ausência-presença de vírgulas; P-A: presença-ausência de vírgulas.

Fonte: Elaboração própria (2021).

Constatamos que a maior parte dos casos corresponde a dados em que a fronteira prosódica é igual a fronteira de IP, totalizando 60,6% (114/188). Já 39,3% (74/188) são dados em que a fronteira prosódica é diferente da fronteira de IP. Dentre o conjunto relacionado à fronteira de IP da estrutura-alvo, aproximadamente 64,9% (74/114) correspondem a casos em que ambas as vírgulas estão ausentes (indicadas por) nas

fronteiras prosódicas, como em (4); e, dentre o conjunto em que as fronteiras não são de IP, há 91,9% (68/74) de ausências de ambas as vírgulas, como em (5).

(4) [...] meu irmão *quando arranja um assunto* ∅ fala nele três meses, e não é exagero (Z11_8E_20F_02)

(5) [...] O que me faz triste é *as vezes* não poder sair [...] (Z11_8B_36M_02)

⁸ As demais estruturas sintáticas apresentam as seguintes porcentagens de ocorrências no conjunto de ausências de vírgulas: 8,4% (12/142) complementos nominal e verbal; 3,5% (5/142) conjunções; 24,6% (35/142) orações subordinadas; 2,1% (3/142) apostos.

Em (4), a oração subordinada adverbial "quando arranja um assunto" está encaixada sintaticamente à oração "meu irmão fala nele três meses", sendo, por isso, previsto o uso de vírgulas nas suas fronteiras direita e esquerda. As fronteiras sintáticas dessa estrutura correspondem a fronteiras prosódicas de IP. Em (5), é prevista a delimitação da locução adverbial "às vezes" por vírgulas. Nesse exemplo, a locução adverbial forma um sintagma fonológico, portanto, fronteiras diferentes de IP. Casos como (4) e (5), em que as vírgulas não estão presentes nas duas posições, exemplificam que, possivelmente, nenhuma das fronteiras sintáticas foi reconhecida pelo escrevente, correspondam ou não essas fronteiras a fronteiras de IP. Lembramos que essa ausência de vírgulas em ambas as fronteiras sintáticas também foi reportado por Paiva e Tenani (2020) quando analisaram textos do tipo argumentativo. Portanto, nos dois gêneros textuais analisados a ausência é a característica recorrente.

Nos textos ora em análise, há 17,5% (33/188) de dados em que apenas uma das vírgulas foi colocada, ou seja, apenas uma das fronteiras sintáticas que também corresponde a uma fronteira prosódica, ou a da esquerda ou a da direita, coincide com a posição em que a vírgula é prevista na estrutura-alvo. Porém, os casos de ausência-presença de vírgula foram mais recorrentes, contabilizando 11,1% (21/188), sendo 20/21 dados como o exemplificado a seguir.

(6) [...] eu sou daquelas que acha que o namoro deve ser na adolescência *sim*, pois é a melhor época. [...] (Z11_8A_02F_02)

Em (6), o advérbio "sim" configura um IP (considerado o algoritmo de formação do domínio), e apenas a segunda vírgula foi registrada, portanto, a primeira fronteira sintática da estrutura-alvo (que também é uma possível fronteira prosódica) não é reconhecida como um lugar onde haveria vírgula. Portanto, há a coincidência de fronteiras sintática e fronteira de IP (conforme algoritmo de formação em 3a) nas duas posições onde vírgulas são previstas. Porém, a ausência de vírgula na primeira das duas posições da estrutura-alvo pode

ser efeito de ênfase em "sim". Nessa interpretação, a ênfase se configura como uma focalização prosódica de natureza discursivo-pragmática, tal como definida por Gonçalves (1998), a partir de dados da variedade carioca. A focalização, para esse autor, tem a natureza de realçar elementos do enunciado sem necessariamente gerar uma fronteira de IP. Características semelhantes a essas também foram descritas por Yano e Fernandes-Svartman (2019) para a focalização prosódica em dados da variedade paulistana. Assim, a primeira fronteira de IP prevista pelo algoritmo de formação com base na estrutura sintática não necessariamente se configura em razão do contexto discursivo-pragmático de focalização. Soma-se a essas características o fato de o advérbio "sim" ser constituído de uma única sílaba (portanto, de pequena extensão), o que torna suscetível o IP menor sofrer reestruturação de modo a formar com o IP adjacente um IP maior (cf. algoritmo de reestruturação de IP em 3b). Essa reestruturação possivelmente motiva a ausência da primeira das duas vírgulas da estrutura em análise. A presença da segunda vírgula, vale destacar, tem motivação na estrutura que segue o advérbio "sim": a conjunção "pois" (que deve ser precedida por vírgula) introduz a justificativa "é a melhor época", constituindo uma oração coordenada, a qual configura o IP "pois é a melhor época" (cf. algoritmo de formação de IP em 3a). Desse modo, a vírgula em "sim, pois" coincide com uma fronteira sintática de oração e uma fronteira prosódica de IP. Distinta desse caso é, em certa medida, a colocação da vírgula apenas na primeira fronteira prosódica da estrutura-alvo, como ocorre no exemplo a seguir.

(7) [...] Sou bem divertida, adoro novas amizades, amo sair e viajar, enfim sou uma pessoa que gosta de muitas coisas. [...] (Z11_8B_24F_02)

Em (7), a vírgula é empregada na fronteira sintática em que a vírgula demarca a introdução de uma conclusão, firmada a partir do adjunto adverbial "enfim". Neste exemplo, a vírgula segmenta o enunciado e destaca graficamente a conclusão que o advérbio introduz, sinalizando

– por esse recurso gráfico – certa relação de sentido entre as partes do enunciado delimitadas pela vírgula. Em outras palavras: interpretamos que esse emprego de vírgula sinaliza a fronteira sintática e, simultaneamente, delimita o início da proposição que expressa a conclusão, pelo escrevente, da descrição de suas características. É essa fronteira sintática e prosódica associada à organização semântico-enunciativa que “enfim” carrega marcada por vírgula. Essa fronteira de IP pode se manifestar por pausa e tom de fronteira em enunciados falados (TENANI, 2002; SERRA, 2009), característica que interpretamos que também está sendo representada nesse uso da vírgula. A fronteira sintática à direita de “enfim” – que corresponde a uma potencial fronteira prosódica de IP – não é marcada por vírgula juntamente por haja vista a relação semântico-enunciativa que o adjunto mobiliza

Por fim, obtivemos um total de 6,9% de dados em que as vírgulas foram utilizadas convencionalmente. Constata-se que esse uso esperado da vírgula, conforme a gramática normativa, é motivado pelo reconhecimento não só da presença da fronteira sintática, mas também as demais características linguísticas que delimitam essa porção do enunciado: as fronteiras prosódicas que podem ser associadas a relações de sentidos entre partes do enunciado escrito. Exemplo é dado a seguir.

(8) [...] Assim, *na minha opinião*, pra namorar na adolescência tem que estar super apaixonados [...] (Z11_8C_25F_02)

Em (8), as fronteiras sintáticas de “na minha opinião” correspondem às fronteiras prosódicas de IP, pois se trata de uma estrutura encaixada à sentença principal. Este exemplo de uso convencional das vírgulas nos possibilita explicitar relação com a função vista semântico-enunciativa da vírgula (ESVAEL; PAULA, 2014) na medida em que este sinal gráfico funciona como um recurso por meio do qual o escrevente assinala no seu enunciado aquilo que quer destacar, dar ênfase, suscitando um determinado sentido para ele. Esse funcionamento encontra respaldo se

considerada a proposta de produção textual (cf. Figura 1) que questionava “Afim, quem é você”, interpelando o escrevente a se marcar enquanto sujeito na produção de seu texto. Portanto, as vírgulas recortam e, ao mesmo tempo, destacam a opinião que dá identidade ao aluno enquanto escrevente. Interpretamos que a somatória de características sintática, prosódica e semântico-enunciativa favorece o uso de vírgulas em ambas as fronteiras da estrutura ora em análise.

Considerações finais

Encontramos 93% dos dados de usos não convencionais das vírgulas em esquema duplo em textos de gênero enquete, sendo que a análise dos dados a partir das quatro possibilidades de combinação das presenças e ausências das vírgulas mostrou que em 75,5% dos dados ambas as vírgulas estão ausentes nas fronteiras dos enunciados. Os usos convencionais totalizam apenas 6,9% dos dados, pois atendem à colocação da vírgula em ambas as fronteiras. Quanto à estrutura sintática mais recorrente na amostra analisada, obtivemos a estrutura de adjunto adverbial, totalizando 57% dos dados, e a de oração subordinada, correspondendo a 28,2% do total, sendo que, em grande parte dos dados referente a essas classificações, predomina a ausência de ambas as vírgulas. Embora em menor número de ocorrências, constatamos que os apostos são as estruturas com a maior proporção de usos de ambas as vírgulas. Acerca da quantificação dos dados em relação à fronteira prosódica, concluímos que há predominância de dados em que IP é a fronteira prosódica relevante, alcançando 60,6% dos dados. Cabe ponderar que tanto em dados cuja fronteira prosódica é de IP, quanto em dados diferentes de IP, a combinação ausência-ausência é predominante. Ou seja, a ausência de ambas as vírgulas não pode ser associada à ausência de fronteira de IP, contudo, todas as presenças de vírgulas coincidem com fronteiras de IP. Com base nesses resultados, retomamos as questões (a) e (b), apresentadas na introdução deste artigo, e respondemos que: (a) quando há vírgula, às fronteiras sintáticas correspondem

fronteiras de IP, principalmente em apostos, um tipo de estrutura encaixada sintaticamente; e (b): quando não há vírgulas, as fronteiras sintáticas mais recorrentes são aquelas de fronteiras de adjunto adverbial (locuções adverbiais e advérbios) e essas são fronteiras de IP, as quais prevemos que sejam redefinidas – com base no algoritmo de reestruturação de IP – quando a estrutura sintática é de pequena extensão em termos de número de sílabas (cf. exemplos 6).

Esses resultados gerais descritos a partir da análise de textos do gênero enquete são mais altos do que os obtidos a partir de textos do gênero argumentativo por Paiva e Tenani (2020), pertencentes ao mesmo banco de dados. Em enquetes, foram 93% de usos não convencionais de vírgulas, sendo 75,5% de ausências de ambas as vírgulas, contra 87,4% de usos não convencionais, sendo 69% de ausências de ambas as vírgulas, em um conjunto de 381 dados extraídos de textos argumentativos. Por outro lado, os resultados do gênero enquete são relativamente semelhantes aos descritos para os textos do gênero relato por Carvalho (2019, p. 138): foram 94% de usos não convencionais, sendo 76% de ausências de ambas as vírgulas, em um conjunto de 393 dados. A comparação entre os resultados dos trabalhos realizados sugere que, em pesquisa futura, se faz necessário investigar o efeito que o gênero textual possa ter nas taxas de presenças e ausências de vírgulas, tendo por hipótese que os gêneros textuais atualizam diferentes relações entre fala e escrita.

Na identificação de potencial relação entre pontuação e fronteiras prosódicas, neste artigo mostramos que a fronteira de IP é a mais relevante, corroborando os estudos anteriores, havendo uma porcentagem semelhante em textos do gênero enquete (60,6%) e em textos do gênero argumentativo (58%), analisados por Paiva e Tenani (2020), e uma porcentagem ligeiramente mais alta (66,7%) em textos do gênero relato produzidos no último ano do EF II, segundo Carvalho (2019, p. 142). Esses resultados corroboram a afirmação da importância da fronteira de IP, mas principalmente sugerem que o avanço da investigação sobre o

tema carece de lançar luz aos gêneros textuais que favoreçam essas ausências de vírgulas. Para além dessa contribuição com o ensino de vírgulas de modo articulado com gramática e texto, esta pesquisa colabora com a descrição de efeitos do fraseamento prosódico, isto é, como se dá a configuração dos enunciados em IP, em textos escritos, a partir do algoritmo do domínio. Lembramos que o estudo do fraseamento prosódico é fenômeno importante para o processamento linguístico e cognitivo dos enunciados (FAZIER *et al.*, 2006).

Portanto, a partir dos resultados obtidos por meio de análise linguística, podemos dialogar com a comunidade escolar, ao apontar que a tendência é de os alunos utilizarem vírgulas convencionalmente quando a fronteira sintática de uma dada estrutura coincide com a fronteira prosódica, consideradas as relações semânticas entre partes do enunciado delimitadas pelas vírgulas. A presença apenas da primeira vírgula, quando consideradas estruturas em que duas vírgulas deveriam estar nas fronteiras direita e esquerda, pode evidenciar que o estudante enquanto escrevente delimita o enunciado projetando na escrita a ênfase ao que se segue, portanto, características do funcionamento enunciativo e discursivo (CORRÊA, 2004) da vírgula se faz observar, ao lado da segmentação e hierarquização dos enunciados do texto. A colocação apenas da segunda vírgula nas estruturas-alvo ocorre quando o escrevente parece projetar na escrita apenas a fronteira sintática que coincide com a fronteira prosódica, possivelmente, porque remete à pausa na fala passível de ser inserida ao final de IP, deixando de registrar aquela fronteira sintática que não coincide com demais fronteiras. Enfim, a ausência de ambas as vírgulas se dá pelo desconhecimento de certas fronteiras linguísticas que constituem os enunciados, sejam essas fronteiras prosódica ou sintática.

Por fim, argumentamos que os empregos não convencionais da vírgula são consequência do trânsito do sujeito escrevente por práticas orais (manifestadas por relações com fronteira prosódica de IP em que pausas e tons de fronteira

podem ser realizados) e letradas (manifestadas pelas relações com o reconhecimento de fronteira sintática onde vírgulas são empregadas), de forma que esse sujeito deixa as marcas dessa circulação em suas produções textuais. Além disso, o fato de, na maior parte dos dados, as vírgulas estarem ausentes nas fronteiras dessas estruturas sintáticas pode ser interpretado como resultado do processo, experienciado por parte dos escreventes enquanto alunos em processo de aprendizagem, de representar na escrita, por meio das vírgulas, a hierarquização dos enunciados e de argumentos responsáveis pela organização do texto conforme convenções sobre a escrita em ambiente escolar.

Agradecimentos

As autoras agradecem ao CNPq pela bolsa PIBIC, concedida à primeira autora, e pela bolsa PQ, concedida à segunda autora durante a realização da pesquisa.

Referências

- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CARVALHO, Tainan Garcia. *Usos de vírgulas em textos do Ensino Fundamental II: um estudo longitudinal*. 2019. 174 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2019.
- CHAFE, Wallace. Punctuation and the Prosody of Written Language. *Written Communication*, [S. l.], v. 4, n. 4, p. 395-426, 1988. <https://doi.org/10.1177/0741088388005004001>
- CORRÊA, Manoel Luís Gonçalves. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.
- DAHLET, Véronique. *As (man)obras da pontuação: usos e significações*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- ESVAEL, Eliana; PAULA, Orlando. Produção escrita de formandos do curso de letras: a função enunciativa da vírgula. In: PUZZO, Miriam Bauab.; KÓZMA, Eliana Viana Brito; UYENO, Elzira Yoko. (org.). *Os sinais de pontuação e seus efeitos de sentido: uma abordagem discursiva*. Pontes: 2014. p. 33-62.
- FERNANDES, Flaviane Romani. *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. 2007. 415 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- FERREIRA, Beatriz. Rota de Gramaticalização dos advérbios ainda e sempre. *Filologia e Linguística Portuguesa*, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 505-516, dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v13i2p505-516>. Acesso em: 6 jan. 2022.
- FRAIZER, Lyn; CARLSON, Katy; CLIFTON, Charles. Prosodic phrasing is central to language comprehension. *Trends in Cognitive Science*, [S. l.], v. 10, n. 6, p. 244-249, jun. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.tics.2006.04.002>. Acesso em: 12 jan. 2022.
- FROTA, Sonia. *Prosody and focus in European Portuguese*. Phonological phrasing and intonation. New York: Garland Publishing, 2000.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. Foco e topicalização: delimitação e confronto de estruturas. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 31-50, jan./jun. 1998.
- HALLIDAY, Michael. *Spoken and Written Language*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- ILARI, Rodolfo. A categoria advérbio na gramática do português falado. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 151-174, 2007. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1430>. Acesso em: 12 jan. 2022.
- LUFT, Celso Pedro. *A vírgula: considerações sobre o seu ensino e o seu emprego*. São Paulo: Ática, 1998.
- MARCUSCHI, Luís Antonio. *Da fala para a escrita. Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2000.
- NESPOR, Marina; VOGEL, Irene. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- NUNBERG, Geoffrey. *The Linguistics of Punctuation*. United States: CSLI (Center for the Study of Language and Information), 1990.
- ROCHA, luta. O sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva. *DELTA*, [S. l.], v. 13, n. 1, fev. 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501997000100005>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- SANDALO, Filomena; TRUCKENBRODT, Hubert. Some notes on phonological phrasing in Brazilian Portuguese. *DELTA*, [S. l.], v. 19, n. 1, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502003000100001>. Acesso em: 12 jan. 2022.
- SELKIRK, Elizabeth. *Phonology and Syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge: The MIT Press, 1984.
- SERRA, Carolina Ribeiro. *Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura*. 2009. 241 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SIMONE, Raffaele. Riflessioni sulla virgola. In: ORSOLINI, Margherita e PONTECORVO, Clotilde (ed.) *La Costruzione Del Testo Scritto Nei Bambini*. Florença: La Nuova Itália, 1991. p. 219-232.

SONCIN, Geovana Carina Neris. *Os usos da vírgula em textos de alunos da última série do ensino fundamental*. 2008. 71 f. Relatório Final da Bolsa de Iniciação Científica da FAPESP (Processo FAPESP: 08/04683-7) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, 2008.

SONCIN, Geovana Carina Neris; TENANI, Luciani. Emprego de vírgula e prosódia do Português Brasileiro: aspectos teórico-analíticos e implicações didáticas. *Filologia e Linguística Portuguesa*, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 473-493, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v17i2p473-493>. Acesso em: 12 jan. 2022.

TENANI, Luciani. 2015. Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II. In: *Textus*. [S. l.], [20--]. Disponível em: <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>. Acesso em: 12 jan. 2022.

TENANI, Luciani. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. 2002. 317 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

TENANI, Luciani; LONGHIN-THOMAZI, Sanderleia. Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual no Ensino Fundamental. In: *Em Extensão*. Uberlândia, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 20-34, jul. 2014. Disponível em: https://doi.org/10.14393/REE-v13n12014_rel02. Acesso em: 12 jan. 2022.

TENANI, Luciani; PAIVA, Nayra Cristina. Vírgulas em esquema duplo em textos argumentativos: aspectos sintáticos e prosódicos. *Veredas – Revista De Estudos Linguísticos*, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 294-321, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/31825>. Acesso em: 12 jan. 2022.

Isabela Vendramini

Licenciada em Letras Português-Inglês pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), em São José do Rio Preto, SP, Brasil.

Luciani Tenani

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em Campinas, SP, Brasil. Livre-docente em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp). Professora do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, câmpus da Unesp em São José do Rio Preto, SP, Brasil.

Endereço para correspondência

Luciani Tenani

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Rua Cristóvão Colombo, 2265

Jardim Nazareth, 15054-000

São José do Rio Preto, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação das autoras antes da publicação.